



O sonho por terra e autonomia: um estudo sobre a marcha camponesa para construção da segurança alimentar

*The dream for land and autonomy:
a study of peasant march to build food security*

FIGUEIREDO, Marcos Antônio B¹; AGUIAR, Maria Virgínia²; SILVA, Joanna L.F³; TAVARES, Maria Zênia⁴.

1 UFRPE, mfigueiredoufrpe@gmail.com; 2 UFRPE, mvirginia.aguiar@gmail.com; 3 UFRPE, joannalessaufupe@gmail.com; 4 UFRPE, zeniatavares@yahoo.com.br

Seção Temática: 2 – Estratégia de Desenvolvimento Socioeconômico

Resumo

Este artigo apresenta uma reflexão preliminar feita no âmbito da pesquisa "Plantar, colher, comer: avaliação dos impactos dos sistemas agroflorestais para a segurança alimentar de famílias assentadas na região canavieira pernambucana". A pesquisa está sendo desenvolvida por uma equipe multidisciplinar da Universidade Federal Rural de Pernambuco, através do Núcleo de Agroecologia e Campesinato em parceria com o Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá e tem como objetivo analisar a relação entre os agroecossistemas agroflorestais e a produção de alimentos saudáveis destinados ao autoconsumo e ao mercado local. O contexto em que se dá a pesquisa historicamente é dominado pelo agronegócio canavieiro e, conseqüentemente, por uma grande exclusão social e uma insegurança alimentar crônica. A pesquisa está demonstrando que através do acesso a terra e a mudanças nas estratégias produtivas orientadas por processos agroecológicos as famílias estão revertendo a situação de pobreza, de escassez de alimentos e de baixa renda, e, ao mesmo tempo, logrando ampliar a autonomia econômica. A análise toma as mudanças vivenciadas pelas famílias como fio condutor do artigo. Para demonstrar isto foram utilizados dados coletados na pesquisa de campo e na literatura pertinente.

Palavras-chave: campesinato; segurança alimentar; agrofloresta.

Abstract

This article presents a preliminary reflection carried out within the research "Planting, harvesting, eating, evaluation of the impacts of agroforestry systems for food security of families settled in Pernambuco sugar cane region." The research is being developed by a multidisciplinary team at the Federal Rural University of Pernambuco, through Agroecology and Peasantry Center in partnership with the Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá and aims to analyze the relationship between agro-ecosystems and agro-forestry production of healthy foods to self-consumption and the local market. The context in which the research takes place is historically dominated by sugar cane agribusiness and hence by a large social exclusion and chronic food insecurity. Research is showing that through access to land and to changes in production strategies oriented agro-ecological processes families are reversing the poverty, food shortages and low-income and at the same time, achieving expand economic



autonomy. The analysis takes the changes experienced by families as a common thread of the article. To demonstrate this we used data collected in the field research and literature.

Keywords: peasants; food security; agroforestry.

Introdução

A região canavieira pernambucana é na atualidade caracterizada por traços do modelo agroexportador imposto pela colonização europeia no século XVI. Por outro lado, as mudanças decorrentes da urbanização desta região que tem a mais alta taxa de densidade demográfica do Estado (156,1 hab/km²), e o recente processo de industrialização, não trouxeram mudanças estruturais do ponto de vista econômico para a maioria da população. A grande propriedade privada e o monocultivo em larga escala que configuram tal realidade agrária até a atualidade é a base para a dominação política de um grupo de famílias que se sucedem há cinco séculos no controle dos meios de produção (DABAT, 1990) e do poder político. Nesta sociedade estratificada em classes, os trabalhadores urbanos, rurais e os camponeses compõem os segmentos sociais subordinados que possuem apenas a força de trabalho para vender e/ou pequenas parcelas de terras localizadas às margens do latifúndio. São as denominadas brechas camponesas (CARDOSO, 2004) localizadas, geralmente, em terras degradadas que apresentam significativas restrições produtivas.

Neste contexto social trabalhadores e camponeses sonham por terra (WANDERLEY, 1979). Estes segmentos sociais subordinados desejam “um taco de terra” para produzir e viver, criar os filhos e escapar da fome que, tanto no passado como no presente, é resultante de uma questão estrutural vinculada a concentração fundiária e da riqueza (CASTRO, 2006). Assim a terra representa uma segurança para a família e ao, mesmo tempo, a possibilidade de ampliação da autonomia do grupo doméstico em relação a economia canavieira.

A conquista da terra, através da formação de assentamentos, representa a primeira grande mudança vivida pelas famílias, porque impacta para a conquista da liberdade e para a segurança alimentar. A segunda grande mudança decorre do incremento da



biodiversidade através de manejo ecológico dos sistemas produtivos, que está associada a chegada da assessoria propiciada pelo Centro Sabiá na região. Esta organização não-governamental desenvolve, desde os anos 90, um trabalho de assessoria educacional que busca reorientar a relação das famílias com a natureza, através da implantação e manejo de agroflorestas biodiversas baseadas na sucessão natural (FIGUEIREDO, 2009). Nestes casos, há um rompimento paulatino com a produção de cana-de-açúcar, que ainda predomina entre muitos assentados na região. A construção de canais curtos para comercialização da produção ecológica é a terceira mudança realizada, que se analisará adiante.

Material e Métodos

O artigo foi elaborado a partir dos resultados preliminares da pesquisa, baseada na metodologia qualitativa de estudo de caso e da pesquisa participante que está sendo desenvolvida por pesquisadores da UFRPE, do Centro Sabiá e doze famílias camponesas que vivem em cinco assentamentos localizados nos municípios de Rio Formoso, Tamandaré, Ribeirão e Sirinhaém pertencentes a Mata Sul pernambucana. Simultaneamente foi trabalhada uma bibliografia composta por textos clássicos e dados secundários de órgãos públicos.

Resultados e Discussão

A continuação se abordará as mudanças levadas a cabo pelas famílias em relação a conquista da terra, o incremento da biodiversidade e a comercialização através de circuitos curtos, que estão contribuindo para ampliar a autonomia econômica e a segurança alimentar.

Conquista da terra

Estudos sobre o campesinato indicam que a terra é o patrimônio a partir do qual a família (WANDERLEY, 2003) estabelece possibilidades de reprodução social do grupo doméstico. Na pesquisa foi possível captar o desejo dos camponeses por terra: “O trabalhador sempre busca a terra. Mesmo o trabalhador da cana quer terra”. (José



Caboclo, 2014). Outro camponês afirma: “Vim de Alagoas com minha mãe. O pai era separado, mas hoje vive com a gente. Eu era louco para ter um sítio” (José Florentino, 2015). A conquista da terra é um “divisor de águas” que marca a vidas das famílias. O acesso é associado a conquista da condição de liberdade: “Eu saí da cana, vivo liberto. Sai daquela escravidão miserável. Sou liberto em tudo. Eu agradeço primeiro ao meu Deus” (José Caboclo, 2014). “Hoje vivo tranquilo. Quando era contratado, tinha que fazer o que mandavam. Hoje, quando o engenho precisa, eles vêm e pede, e não manda” (José Rosa, 2014).

Por outro lado, a fome é associada a falta de terra (“A fome era feia e triste. Trabalhava no engenho e a única fonte era o barracão” - José Augusto, 2015) enquanto que o acesso à terra é vinculado a segurança alimentar (“Hoje temos barriga cheia. No sítio, tudo tem e temos oportunidade de produzir arroz, feijão, macaxeira” - José Augusto, 2015). Nesta mesma linha uma camponesa acrescenta: “Depois da posse da terra, comecei a colocar cuscuz de milho verde na mesa” (Maria Gomes, 2014).

Incremento da biodiversidade

As terras da reforma agrária destinadas as famílias possuíam um grande passivo ambiental, pois foram destruídas pelo fogo e outras práticas predatórias para produção intensiva de cana-de-açúcar. Isto foi evidenciado nas entrevistas: “A terra estava toda desorganizada, precisando de mudança em tudo, porque aqui a terra era explorada com adubo químico e agrotóxico da época do ex-patrão. Pegamos uma terra pobre, nua, desculpe a expressão, não tendo o que tem hoje” (José Olival, 2015). A construção de mapas dos agroecossistemas pelas famílias contribuiu para explicitar duas paisagens contrastantes: antes e depois das agroflorestas e dos demais sistemas biodiversos manejados pelos agricultores. A enorme biodiversidade plantada gerou mudanças ambientais e econômicas voltadas para múltiplos usos. As famílias otimizaram todos os espaços, criando subsistemas ou ecozonas como, por exemplo: “horta, plantas medicinais e ornamentais, plantas folhosas, chã, vagem, agroflorestas, mangue, galinheiro e mata” (Cristiane da Silva, 2014). Associado ao florescimento da



biodiversidade surgiu uma consciência mais ecológica e integrada a natureza: “Hoje a terra tá coberta com a lavoura e o mato. O mato é a roupa da terra, né? Inclusive, é o alimento da terra, o que fortalece a terra. Parou as queimadas, as vertentes da água tão se recuperando... que não tinha nascente de água. Então a gente foi conservando a terra e estamos com água boa agora. Estamos plantando muda porque isso evita a erosão que é ruim para a terra, como para a natureza” (José Olival, 2015).

Comercialização

Historicamente subordinadas ao mercado convencional capitalista as famílias amargavam prejuízos econômicos continuamente. O estabelecimento de relações socioeconômicas diretas com os consumidores gerou a possibilidade de preços mais favoráveis para a produção e, conseqüentemente, uma renda maior. Além disto, as feiras ampliaram a socialização do campesinato e fortaleceram os laços entre os próprios produtores e destes com os consumidores urbanos. Uma ou duas vezes por semana as famílias participam de feiras: “Com a comercialização na feira agroecológica melhorou muito a renda. O beneficiamento evitou o desperdício e aumentou a renda. Na parcela existem duas agroindústrias: uma de beneficiamento de rapadura, mel e açúcar mascavo e outra de polpa de frutas. O carro chefe daqui é o cajá. Em 2013 fizemos 3 mil kg de polpa que foi vendido na feira agroecológica, em domicílios, PNAE e para o consumo. Ainda se desperdiça muita fruta, mas a gente já pensa em comprar uma câmara fria” (Cristina Freitas, 2014).

Considerações Finais

A pesquisa está estudando os impactos das mudanças nas vidas das famílias e mesmo que as análises ainda não sejam conclusivas, é possível afirmar que o acesso a terra, o incremento da biodiversidade e o estabelecimento de circuitos curtos de comercialização é uma estratégia adequada a realidade cultural e econômica das famílias camponesas, que está contribuindo para ampliar a segurança alimentar e autonomia em relação ao mercado de trabalho, terra, sementes e de alimentos.



Agradecimentos

À Chamada MCTI-CNPq/MDS-SAGI nº. 24/2013.

Bibliografia

- CASTRO, Josué. Geografia da Fome: O dilema brasileiro – pão ou aço. 19ª. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- CARDOSO, Ciro Flamarion S. Escravo ou Camponês? O Protocampesinato Negro nas Américas. Editora Brasiliense, São Paulo, 2004.
- DABAT, Christine R. A Terra Privilegio: Estudo sobre a estrutura fundiária na Zona Canavieira de Pernambuco. En: X ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 1990, Teresópolis. **Anais**.132 – 150.
- FIGUEIREDO, Marcos Antonio B., LIMA, Jorge R. T. de e SEVILLA GUZMÁN, Eduardo. Sítio Camponês: Um Sistema Ecológico para Produção de Alimentos na Região Canavieira Pernambucana. In: **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 4, n 1, 2009.
- WANDERLEY, M^a. Nazareth B. **Capital e Propriedade Fundiaria: Suas articulações na economia açucareira de Pernambuco**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- WANDERLEY, M^a. Nazareth B. (2003). Morar e Trabalhar: o ideal camponês dos assentados de Pitanga. In: MARTINS, José de Souza (Coord.) **Travessias: a vivencia da reforma agrária nos assentamentos**. Porto Alegre: Editora da UFRGS. p: 203-246.